

Gama, M. (2016). Gestor cultural: práticas culturais de um mediador. In A. M. C. Silva; M. L. Carvalho & L. R. Oliveira (Eds.), *Sustentabilidade da Mediação Social: processos e práticas* (pp. 153-164). Braga: CECS.

MANUEL GAMA

mea0911@gmail.com

**CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE
DA UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL**

GESTOR CULTURAL: PRÁTICAS CULTURAIS DE UM MEDIADOR

RESUMO

Com o objetivo de aferir as práticas culturais dos estudantes que, no ano letivo 2015/2016, frequentavam os cursos de licenciatura e de mestrado em Gestão Artística e Cultural ministrados no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, foi aplicado, nos meses de outubro e de novembro de 2015, um inquérito por questionário a todos os estudantes que estavam inscritos nos dois cursos. No presente artigo vai fazer-se a apresentação sumária e holística dos resultados obtidos: a análise preliminar dos dados recolhidos permite concluir que as práticas culturais dos estudantes são muito baixas, estando por isso em linha com as práticas culturais da generalidade dos portugueses. Depois da necessária triangulação dos resultados com dados provenientes de outras fontes, vai procurar definir-se uma estratégia para, a curto prazo, incrementar, cooperativa e explicitamente, o fomento das práticas culturais na formação dos futuros Gestores Culturais. Com o presente artigo pretende-se abrir a discussão crítica sobre os resultados preliminares de forma a encontrar estratégias integradas que possam concorrer substantivamente para a alteração da realidade observada.

PALAVRAS-CHAVE

Cooperação cultural; gestão cultural; mediação cultural; práticas culturais

1. INTRODUÇÃO

A cultura tem sido recorrentemente apontada como uma das bases fundamentais para se alcançar um desenvolvimento individual e coletivo (e.g., Centre for Strategy and Evaluation Services, 2010; Comissão Europeia, 2012; International Federation of Arts Councils and Culture Agencies, Committee on culture of the world association of United Cities and Local Governments, International Federation of Coalitions for Cultural Diversity

& Culture Action Europe, 2013; Espíndola, 2014). Mas, a politização, a instrumentalização e a espetacularização da cultura também têm sido apontados (e.g., Hall, 1997; Lipovetsky & Serroy, 2010) como alguns dos fatores que têm concorrido para a ausência de estratégias consistentes para o setor (e.g., Lopes, 2004; Azevedo, 2007; Gama, 2013), nomeadamente no que se refere à aproximação da população a algumas das dimensões da cultura, como as que integram as manifestações artísticas (Lourenço, 2010).

Sendo um conceito vivo e dinâmico, pensar em cultura no século XXI implica, forçosamente, não esquecer que “a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (Bourdieu, 2011, p. 7) e que “são múltiplos os *enjeux* do poder cultural, diversas são as configurações de ordenamento e relação social onde estão presentes os factores geradores da dominação cultural” (Silva, 2010, p. 288).

O descurar das potencialidades da cultura como fator de coesão e desenvolvimento sociais pode, por isso, revelar-se de diversas e nefastas formas – a crise de migrantes que assola a Europa em meados da segunda década do século XXI é apenas um dos muitos exemplos que podiam ser aqui convocados. Assim sendo, é importante colocar no terreno profissionais qualificados que, funcionando como mediadores, contribuam para a alteração positiva do paradigma existente.

Mediadores que, criando condições para assegurar uma aproximação entre as pessoas e as diversas formas de expressões da cultura (Martinho, 2013), representam muito mais do que um mero elo de ligação pois, através da sua ação, podem concorrer para que a cultura funcione “como produtora de integração e coesão, de partilha de sentidos e valores, como sistema de representações simbólicas da pertença e da identidade colectiva” (Ferreira, 2002, p. 7).

O Gestor Cultural poderá assim ser um desses profissionais, um desses mediadores, um mediador cultural, um interlocutor que poderá ter um papel fundamental numa equação que urge resolver. O Gestor Cultural, um profissional qualificado que deverá contribuir para o desenvolvimento do trabalho artístico e cultural, nomeadamente através da sua inserção numa estratégia social, territorial, política e económica (Canadell & Sais, 2011).

Deste modo, torna-se evidente que a cooperação e os contextos de cooperação, sejam eles formais ou informais, são fundamentais para o sucesso do exercício desta profissão que “deverá estabelecer uma relação

entre as questões artísticas e culturais associadas aos conhecimentos sociológicos, antropológicos e políticos, bem como aos conhecimentos mais técnicos da comunicação, economia, administração e direitos aplicados à esfera cultural” (Cunha, 2007, p. 10). A cooperação enquanto processo social deliberado, consciente e voluntário, baseado em relações humanas e associativas, através do qual um grupo de pessoas e/ou organizações procura encontrar respostas e soluções para problemas comuns da totalidade ou de parte dos membros que integram o contexto e/ou processo cooperativo (Frantz, 2001).

Assim sendo, no que concerne à Gestão Cultural, “o desafio é o de estruturar e desenvolver processos formativos, simultaneamente consistentes, abertos, flexíveis e, principalmente, orientados para o fomento das capacidades locais e do trabalho coletivo e colaborativo” (Barros & Junior, 2011, p. 32). No entanto, em Portugal, quando a Europa lança um programa onde ainda se sublinha a necessidade de “apoiar ações que permitam aos agentes culturais e criativos adquirir as aptidões, as competências e os conhecimentos necessários para contribuírem para o reforço dos setores culturais e criativos, nomeadamente incentivando (...) novos modelos comerciais e de gestão” (Jornal Oficial da União Europeia L 347 de 20.12.2013), a importância da Gestão Cultural, enquanto processo complexo e deliberado de planear, organizar, liderar e controlar os recursos de uma organização do setor cultural e criativo de forma eficaz, eficiente e produzindo efeito, continua a não ser suficientemente reconhecida e, provavelmente por isso, a formação específica no setor ainda é escassa. Para além de um conjunto avulso e esporádico de ações de formação de duração variável, no que se refere à formação superior, no ano letivo 2015/2016, só era possível identificar dois cursos no ensino público ao nível do 1º ciclo que, explicitamente, na sua designação se referem à Gestão Cultural. Ao nível do 2º ciclo a realidade não era muito diferente, apesar de, paralelamente, se observar a existência de alguns cursos no ensino superior privado. E, ao nível do 3º ciclo, não havia formação na área da Gestão Cultural.

Tendo em consideração a diversidade e amplitude dos campos da cultura, torna-se evidente que é complexo o exercício profissional deste mediador entre a criação, a participação e os consumos culturais (Canadell & Sais, 2011). Mas, para que a sua ação produza o efeito desejado, nomeadamente no que se refere à aproximação da população às manifestações artísticas e culturais, é fundamental que as suas práticas culturais estejam ancoradas e sejam acima da média.

Foi com este enquadramento que, em setembro de 2015, paralelamente aos processos de autoavaliação que os cursos de licenciatura e de mestrado em Gestão Artística e Cultural (GAC) ministrados no Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) estavam a ser alvo, se decidiu aferir as práticas culturais dos estudantes que estavam inscritos nos dois cursos com o objetivo de, em função dos resultados obtidos, definir-se uma estratégia para fomentar e/ou consolidar as práticas culturais dos futuros Gestores Culturais formados pelo IPVC.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O projeto de desenho e implementação de uma estratégia consistente e consequente para intervir positivamente sobre as práticas culturais dos estudantes de GAC do IPVC foi estruturado em cinco tarefas-macro:

1. Diagnóstico das práticas culturais dos estudantes: aplicação, em outubro e novembro de 2015, de um inquérito por questionário aos estudantes de GAC;
2. Oferta cultural nos distritos de residência: análise documental para levantamento da tipologia de oferta cultural existente no ano de 2015 nos distritos de residência dos estudantes durante o período letivo e nos distritos de residência dos seus agregados familiares;
3. Diagnóstico das práticas culturais do pessoal docente e não docente envolvido nos cursos de GAC do IPVC: aplicação, em fevereiro e março de 2016, de um inquérito por questionário semelhante ao aplicado aos estudantes de GAC;
4. Desenho da estratégia a implementar no ano letivo 2016/2017;
5. Implementação do projeto piloto entre setembro de 2016 e agosto de 2017.

O presente artigo centra-se na primeira tarefa-macro do projeto, por isso seguem-se algumas informações adicionais sobre o processo de construção e aplicação do inquérito por questionário.

Os estudos das práticas culturais dos portugueses, nomeadamente das práticas culturais dos estudantes do ensino superior, não constituem uma novidade em Portugal. Assim sendo, a construção do inquérito por questionário baseou-se em instrumentos de recolha de dados similares realizados por investigadores de referência (e.g., Fernandes, 2001; Lopes,

2010; Santos, 2007). No que se refere à aplicação do inquérito por questionário, sublinha-se que se optou por realizá-la *online* através da plataforma *Google Forms*.

Segue-se a apresentação sumária e holística dos resultados do 1º Inquérito por Questionário aplicado nos meses de outubro e de novembro de 2015.

3. RESULTADOS DO 1º INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O inquérito por questionário teve, como já foi referido, o objetivo de efetuar um diagnóstico das práticas culturais dos 76 estudantes que, no ano letivo 2015/2016, estavam inscritos nos cursos de licenciatura e mestrado em GAC do IPVC.

Fruto de uma série de diligências efetuadas, nomeadamente pelas coordenações dos dois cursos e pelos estudantes do 3º ano do curso de licenciatura, registou-se que a taxa de respostas ao questionário foi francamente elevada – 69,7%.

Tendo em consideração que com este primeiro artigo de disseminação dos resultados do diagnóstico efetuado se pretende, essencialmente, fazer uma apresentação holística das práticas culturais dos estudantes de GAC do IPVC, considerou-se não ser o momento adequado para realizar uma análise comparada entre os resultados parciais de cada um dos subgrupos – os 3 subgrupos da licenciatura e o subgrupo do 2º ano do curso de mestrado. A apresentação que se segue, e que respeita a estrutura do questionário aplicado, não integra por isso qualquer distinção entre os resultados em função do ano de frequência dos estudantes.

3.1 DADOS PESSOAIS

A primeira secção permitiu compilar alguns dados pessoais dos estudantes que responderam ao questionário.

Uma vez que os cursos de GAC do IPVC são frequentados maioritariamente por estudantes portugueses do género feminino, não se estranha que 90,6% das respostas tenham sido dadas por alunas portuguesas.

No que se refere à idade, a maioria dos estudantes de GAC do IPVC que responderam ao questionário – 56,7% – nasceu na segunda metade dos anos noventa do século XX, o que significam que, regra geral, a maioria frequenta o ano e o grau de ensino correspondente à sua faixa etária. Assim sendo, como seria de esperar, há um número muito significativo de

estudantes – 83% – que apresenta o ensino secundário como habilitações académicas.

Durante o período das aulas, 72% dos estudantes que submeteram o questionário reside no distrito de Viana do Castelo. 60,8% dos estudantes afirma que não desempenha mais nenhuma atividade para além de estudar, no entanto, 50% dos estudantes que acumulam a função com o trabalho afirma que se encontra no desemprego. Os trabalhadores-estudantes exercem maioritariamente a sua atividade profissional no setor de atividades artísticas, do espetáculo, desportivas e recreativas (42,9%), havendo 19% que trabalha no setor da educação.

3.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA

Esta secção do questionário visou reunir alguns dados que permitissem identificar a presença de alguns fatores que possam, de alguma forma, justificar, depois do cruzamento com dados provenientes de outros instrumentos de recolha de dados, as práticas culturais observadas. Aspetos como o local de residência ter pouca oferta cultural, as carências económicas provocadas pela dimensão do agregado familiar, associadas às suas qualificações e ao desemprego, podem, como é evidente, influenciar as práticas culturais dos estudantes.

No que concerne à caracterização socioeconómica do agregado familiar dos estudantes de GAC do IPVC, salienta-se que a maioria é residente no distrito de Viana do Castelo (50%) e é composta por 2 a 4 elementos (83%). A maioria das mães dos estudantes tem como formação académica máxima o ensino secundário (88,3%) e trabalha por conta de outrem (51,9%) no setor da educação (18,4%). A realidade dos pais não é muito diferente, com 82,4% a ter, no máximo, o ensino secundário, e a trabalhar por conta de outrem (48,1%), mas desta feita no setor da indústria (15,4%). O desemprego no seio dos agregados familiares é elevado, sendo uma realidade em 23,1% das mães e 19,2% dos pais.

Antes de se avançar com os dados recolhidos na secção do questionário designada de *práticas culturais*, salienta-se ainda que, no que se refere ao setor de atividade dos progenitores dos estudantes, só há 1,3% a trabalhar no setor de atividades artísticas, do espetáculo, desportivas e recreativas.

3.4 PRÁTICAS CULTURAIS

Na secção do questionário sobre as práticas culturais incluíram-se quatro questões: 1) Atividades de educação artística frequentadas ao longo

do percurso escolar; 2) Atividades praticadas de forma profissional; 3) Atividades praticadas de forma amadora; e 4) Frequência de atividades culturais praticadas.

As respostas à primeira pergunta desta secção revelaram que a *música*, com 58,5%, e o *teatro*, com 37,7%, foram, respetivamente, as atividades de educação artística mais e menos frequentadas pelos estudantes de GAC do IPVC ao longo de todo o seu percurso escolar.

No que se refere às atividades que os estudantes praticam de forma profissional, observou-se que 62,3% dos estudantes de GAC do IPVC nunca praticaram nenhuma das atividades incluídas na seleção – *dança*, *desporto*, *música*, *teatro*; e que, apesar de já não serem praticantes, 9,4% praticou pelo menos uma das atividades. Das atividades selecionadas, **só a dança** figura como praticada profissionalmente com regularidade mensal (3,8%), em todas as outras atividades há estudantes que as praticam profissionalmente com frequência semanal e diária. No cômputo geral a *música* é a atividade mais praticada (18,8%), seguida do *desporto* (15,1%), da *dança* (13,3%) e do *teatro* (7,6%).

Se as atividades artísticas e desportivas profissionais são uma prática minoritária, o mesmo não se observa nas práticas amadoras: só 17% dos estudantes de GAC do IPVC nunca praticaram nenhuma das atividades incluídas na seleção – *dança*, *desporto*, *música*, *teatro*. Sendo que, apesar de já não serem praticantes, 15,1% mencionou já ter praticado pelo menos uma das atividades. Assim, 67,9% dos estudantes praticam, pelo menos, uma das atividades selecionadas com regularidade mensal. De realçar que nesta pergunta se inseriu a opção *raramente* que não figurava na questão referente às práticas de forma profissional. O *teatro* foi **única** atividade em que a frequência *raramente* foi a mais escolhida (11,3%) e foi a atividade com menos estudantes a praticá-la de forma amadora (26,4%). No *desporto* e na *dança* também se registou 11,3% dos estudantes a praticarem *raramente* estas atividades de forma amadora, no entanto a percentagem total de praticantes é francamente superior à do *teatro*: 68% no *desporto* e 47,2% na *dança*. Na *música* também há 47,2% dos estudantes que a praticam de forma amadora, sendo que a sua regularidade é superior à *dança* uma vez que só 9,4% é que a praticam *raramente*.

Depois de aferir da presença da educação artística, das práticas profissionais e amadoras de atividades artísticas e desportivas, a última questão centrou-se, como não podia deixar de ser, nas práticas culturais dos estudantes de GAC do IPVC. Baseados em estudos sobre a temática,

incluíram-se as seguintes práticas culturais no questionário: Navegar na Internet; Ouvir Música; Ouvir Rádio; Ver Televisão; Ler Jornais/Revistas; Ir a Cafés/Esplanadas; Ir a Centros Comerciais; Ir a Casa de Familiares/Amigos; Receber em Casa Familiares/Amigos; Ir a Festas Populares; Passear; Frequentar Associações Culturais/Recreativas; Frequentar Biblioteca; Visitar Museus/Exposições; Ir ao Cinema; Ir a Espetáculos Desportivos; Ir a Espetáculos Dança; Ir a Espetáculos de Música; Ir a Espetáculos de Ópera; e Ir a Espetáculos de Teatro.

Sublinha-se que este levantamento das práticas culturais é exploratório e, apesar de incluir 20 itens muito diversificados, a verdade é que, deliberadamente, não é exaustiva, não incluindo, por exemplo, as práticas de leitura não instrumental.

Os valores medianos das práticas selecionadas revelam que a maioria dos estudantes de GAC do IPVC diariamente ouve música, navega na Internet e vê televisão; semanalmente lê jornais/revistas, passeia, ouve rádio, vai a cafés/esplanadas, a casa de familiares/amigos e a centros comerciais; mensalmente recebe familiares/amigos em casa, frequenta associações culturais/recreativas e bibliotecas, visita museus/exposições e vai ao cinema; trimestralmente vai a festas populares, a espetáculos de música e de teatro; e raramente vai a espetáculos de dança, desportivos e de ópera.

Um olhar panorâmico sobre a moda dos níveis de frequência das práticas selecionadas revela que os estudantes de GAC do IPVC: diariamente ouvem música (92,5%), navegam na internet (88,7%), veem televisão (58,5%) e ouvem rádio (43,4%); semanalmente passeiam (56,6%), vão a cafés/esplanadas (50,9%), leem jornais/revistas (49,1%), vão a centros comerciais (41,5%), vão a casa de familiares/amigos (41,5%) e frequentam bibliotecas (28,3%); mensalmente visitam museus/exposições (47,2%), vão ao cinema (41,5%) e recebem em casa familiares/amigos (35,8%); trimestralmente vão a festas populares (32,1%); raramente vão a espetáculos de dança (45,3%), a espetáculos de teatro (39,6%), a espetáculos desportivos (39,6%), a festas populares (32,1%), frequentam associações culturais/recreativas (28,3%) e vão a espetáculos de música (24,5%); e nunca vão a espetáculos de ópera (45,3%).

4. CONCLUSÕES

Como já foi referido, com o presente artigo pretende-se abrir a discussão crítica sobre os resultados do diagnóstico das práticas culturais dos estudantes de GAC do IPVC para, desta forma, encontrar estratégias

integradas que possam concorrer substantivamente para a alteração da realidade observada.

Os resultados obtidos não deixam margem para dúvidas: as práticas culturais dos estudantes são francamente baixas para aqueles cuja função poderá ser a de estabelecer uma ponte sólida e qualificada entre as pessoas e as diversas formas de expressões da cultura.

Apesar de tudo os resultados não se estranham, estando, lamentavelmente, em linha com as práticas culturais da generalidade dos portugueses.

Em Portugal, “mesmo entre os mais escolarizados, apenas uma minoria de «activistas» se revela como um conjunto de assíduos praticantes culturais” (Lopes, 2003, p. 9), sendo que “o número de praticantes regulares, além de escasso, é determinado por elevados níveis de escolaridade e/ou por socializações precoces com as artes nos círculos familiares ou de amigos” (Lourenço, 2010, p. 238). Não obstante o aumento na procura cultural que se tem observado em Portugal nos últimos anos, regista-se que este não é generalizado, nem em termos de grupos sociais nem em termos de diversidade do consumo, e que, apesar do aumento da escolaridade, a procura de práticas mais exigentes ainda não é acompanhada pelo aumento da oferta (Santos, 2010).

Tendo tudo isto em consideração, que se inicie a discussão para o desenho da estratégia a implementar no ano letivo 2016/2017 no IPVC.

Uma estratégia que procura dessacralizar o contacto com a cultura, os artistas e os processos de criação, que necessita, obrigatoriamente, de uma formação adequada para os diferentes atores envolvidos no processo de “democratização da procura cultural” (Lourenço, 2010, p. 237).

Uma estratégia que se pode inspirar no “vasto manancial, já avaliado e validado, de experiências emancipadoras levadas a cabo dentro do paradigma da democratização cultural” (Lopes, 2010, p. 59).

FINANCIAMENTO



Este artigo está inserido no projeto de investigação de pós-doutoramento “Redes de Cooperação Cultural Transnacionais: Portugal europeu, lusófono e iberoamericano”, que está a ser desenvolvido no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade do Instituto de Ciências Sociais

da Universidade do Minho, na Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela e na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e que é financiado pela FCT [SFRH/BPD/101985/2014].

REFERÊNCIAS

- Azevedo, N. (2007). *Políticas Culturais, Turismo e Desenvolvimento Local na Área Metropolitana do Porto*. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto. Retirado de <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=ido6id1203&sum=sim>.
- Barros, J. & Junior, J. (2011). Gestão cultural: formação, colaboração e desenvolvimento local. In J. Barros & J. Junior (Org.), *Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão* (pp. 28-34). Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural.
- Bourdieu, P. (2011). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Edições 70.
- Canadell, G. & Sais, C. (2011). *Guia de buenas prácticas de la gestión cultural*. Barcelona: Associació de Professionals de la Gestió Cultural de Catalunya. Retirado de <http://www.gestorcultural.org/images/noticies/noticia1690060171.pdf>.
- Cunha, M. (2007). Gestão Cultural: Construindo uma identidade profissional. In *III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 23-25 maio 2007. Retirado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MariaHelenaCunha.pdf>.
- Centre for Strategy and Evaluation Services (2010). *Study on the contribution of culture to local and regional development – Evidence from the structural funds, final report*. Retirado de http://www.kulturdokumentation.org/akt_proj/Full%20Report.pdf.
- Espíndola, E. (2014). *Cultura y desarrollo económico en Iberoamérica*. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura. Retirado de http://oei.es/xxivcie/Libro_CEPAL.pdf.
- Fernandes, A. (Coord.) (2001). *Estudantes do ensino superior no Porto. Representações e Práticas Culturais*. Porto: Edições Afrontamento e Porto 2001.
- Ferreira, C. (2002). *Intermediação Cultural e Grandes Eventos. Notas para um programa sobre a difusão das culturas urbanas*. Working Paper. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Retirado de <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/167.pdf>.

Frantz, W. (2001). Educação e cooperação: práticas que se relacionam. *Sociologias, Porto Alegre*, 6, 242-264. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/soc/n6/a11n6.pdf>.

Gama, M. (2013). *Políticas Culturais: Um olhar transversal pela janela-ecrã de Serralves*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35473/1/Gama%20%282013%29%20TD-Políticas%20Culturais%20Um%20olhar%20transversal%20pela%20janela-ecr%c3%a3%20de%20Serralves.pdf>.

Hall, S. (1997). The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In K. Thompson (Ed.), *Media and cultural regulation* (pp. 207-238). London: SAGE Publications.

International Federation of Arts Councils and Culture Agencies; Committee on culture of the world association of United Cities and Local Governments; International Federation of Coalitions for Cultural Diversity & Culture Action Europe (2013). *Culture as a goal in the post-2015 development agenda*. Retirado de <http://www.interarts.net/descargas/interarts1694.pdf>.

Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *A Cultura-Mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.

Lopes, J. (2010). Da cultura como locomotiva da cidade-empresa. In M. Santos & J. Pais (Org.), *Novos trilhos culturais: práticas e políticas* (pp. 51-61). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Lopes, J. (2004). Trinta Anos de Políticas Culturais: A Revolução Inacabada e o País Complexo. In F. Louça & F. Rosas (Org.), *Ensaio geral: Passado e futuro do 25 de Abril* (pp. 135-156). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Lopes, J. (2003). *Escola, território e políticas culturais*. Porto: Campo das letras.

Lopes, J. (2000). *A Cidade e a Cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto.

Lourenço, V. (2010). Cultura e educação: desafios de uma política partilhada. In M. Santos & J. Pais (Orgs.), *Novos trilhos culturais: práticas e políticas* (pp. 237-242). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Martinho, T. (2013). Mediadores culturais em Portugal: perfis e trajetórias de um novo grupo ocupacional. *Análise Social, XLVIII* (2.º), 422-444. Retirado de http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/ICS_TDMartinho_Mediadores_ARN.pdf.

Santos, M. (2010). Uma panorâmica com três vertentes a duas dimensões. In M. Santos & J. Pais (Org.), *Novos trilhos culturais: práticas e políticas* (pp. 29-35). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- Santos, M. (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação – Ministério da Educação.
- Silva, A. (2010). O poder, um novo trilho na análise cultural? In M. Santos & J. Pais (Orgs.), *Novos trilhos culturais: práticas e políticas* (pp. 281-305). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- Comissão Europeia (2012). *Policy Handbook on How to strategically use the EU support programmes, including Structural Funds, to foster the potential of culture for local, regional and national development and the spill-over effects on the wider economy?*. Bruxelas: Comissão Europeia. Retirado de http://ec.europa.eu/culture/library/publications/cci-policy-handbook_en.pdf.
- Jornal Oficial da União Europeia L 347 de 20.12.2013. *Regulamento (UE) n° 1295/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de dezembro de 2013 que cria o Programa Europa Criativa (2014-2020) e que revoga as Decisões n° 1718/2006/CE, n° 1855/2006/CE e n° 1041/2009/CE*. Retirado de <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000057001-000058000/000057026.pdf>.